

foucault e os anarquismos.

edson passetti¹

(Apresentado na Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile. 03 de outubro de 2013)

Agradeço o convite para ocupar por instantes este espaço e propor uma conversação sobre um assunto controverso. Nos limites de um curto tempo que pode se alargar em contatos regulares e fortalecer as relações entre amigos libertários apresentarei algumas relações entre o pensamento anarquista, entendido como resultantes de práticas de liberdade, e o pensamento de Michel Foucault relativo à anarquia. Situairei um quadro inicial que dispõe sobre a nocividade e utilidade da obra de Foucault no anarquismo, para em seguida esboçar certas relações com Proudhon, Stirner e Bakunin e indicar as possíveis confluências. De antemão, alerto que falarei a partir destas relações com os anarquismos no Brasil.

panorâmica

Há uma conversação muito pouco alimentada em meio aos leitores da obra de Michel Foucault e, particularmente, entre os anarquistas a respeito das relações entre o pensamento do filósofo francês e as práticas libertárias.

A polêmica é pouco produtiva, sublinhava Foucault; ela apenas referenda posições dogmáticas assumidas de antemão a respeito da discussão acerca de uma parte no todo ou mesmo da totalidade. Portanto a polêmica se ajusta bem à permanência da metafísica.

No caso das relações entre a filosofia e a história do presente em Foucault e os anarquismos, a polêmica, mesmo restrita e pouco consistente, distribui os favoráveis e contrários acerca das proximidades, simpatias e atenções, entre os injuriadores de um lado, e de outro lado, os que pretendem aparentar ideias e ideais, transpirando certo

¹ Edson Passetti é professor de Política na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-Brasil. Edita as revistas *verve* (www.nu-sol.org) e *Ecopolítica* (www.pucsp.br/ecopolitica). Coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e é o pesquisador principal do Projeto Temático *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*.

oportunismo. No meio deles, uma disciplinar fileira de profissionais acadêmicos assenta Foucault, sociológica e filosoficamente, ora a Émile Durkheim ora a Max Weber, e em poucas e boas palavras, formatam o filósofo francês em liberal ou neoliberal; outros se apropriam de alguns conceitos para redimensioná-los em suas oxigenações teóricas neomarxistas. Enfim, os condutores enfileirados notaram Foucault, e aos seus modos, introduzem-no em suas teorias e pesquisas empíricas.

Os efeitos polêmicos da aproximação com Foucault ou da recusa categórica são mais visíveis no cotidiano de anarquistas quando expostos em encontros e colóquios, muito poucas vezes registrados, e tratados como uma intromissão a ser superada, sendo nada mais que resultado das reflexões consideradas *acadêmicas* e, neste sentido, os professores e pesquisadores anarquistas universitários são imediatamente desclassificados. Ao mesmo tempo, a reviravolta planetária promovida pelas conformações computo-informacionais, empurra os jovens militantes anarquistas para as universidades e nelas fazem seus mestrados e doutorados sobre *história do anarquismo*, geralmente orientados por professores de formação marxista e adeptos de certo libertarismo escudado nas obras do jovem Marx. Configura-se *imbróglio* interessante que se sustenta em práticas de afinidades ideológicas, desde a emergência do movimento *antiglobalização* e a revitalização do *situacionismo*. De fato, há muito mais proximidades, hoje em dia, entre militantes marxistas e anarquistas do que a retórica é capaz de opor. A efetiva contraposição no passado, hoje em dia soa como um possível ajuste. Em uma era de efetividade da racionalidade neoliberal que absorve a direita e a esquerda no jogo democrático e participativo, as *ações indiretas* têm proeminência sobre a *ação direta*.

No Brasil, em especial, sublinho, ao contrário deste fluxo pacificador, os densos estudos e pesquisas acerca das proximidades metodológicas e políticas das sugestões de Michel Foucault com os anarquismos em Margareth Rago e Silvio Gallo na Unicamp, Salete Oliveira e Acácio Augusto (no Nu-Sol e na PUC-SP) e Thiago Rodrigues (Nu-Sol e UFF). São anarquistas que trouxeram Foucault para os problemas da atualidade, como nas relações com mulheres, educação libertária e escola participativa, abolicionismo penal, movimentos de protestos, novas abordagens em relações internacionais e estudos sobre estética da existência que não se prendem ao coletivismo, comunismo ou individualismo, mas que procuram situar as resistências à *sociedade de*

controle. Transitam entre a genealogia do poder e as questões éticas relativas ao princípio e o fim da política, ou seja, o ingovernável.

Entretanto, os estudiosos da obra de Foucault, quando consideram a presença do anarquismo, o fazem de modo a embaralhá-lo entre as diversas práticas correlacionadas por Foucault sobre formas de liberdade circunscrita a *problemas filosóficos*; desconhecem ou consideram irrelevante a relação ou polêmica intermitente a respeito das proximidades de Foucault com a *anarquia*; talvez, muitos deles se satisfaçam com a classificação, de Jules Vuilleman, segundo Didier Eribon², em certa ocasião na década de 1960, situando Foucault, de modo jocoso, como *anarquista de direita*. O adjetivo em questão foi usado de modo equivocado, pois a anarquia não se situa à direita ou à esquerda, terminologia surrada, relacionada ao posicionamento de forças em relação ao Estado; o termo, quando aplicado, abre passagem para relacionar Foucault com a conservadora vertente anarco-capitalista, coisa que ele desconhecia à época do distintivo de Vuilleman e que depois, principalmente com o curso *Nascimento da biopolítica* é algo que somente atrai os manuseios ideológicos dos intelectuais neoliberais, afeitos e afeitos a enquadramentos, coisa que o pensamento de Foucault nunca se dispôs a habitar. Por diversas vezes, e principalmente em *Arqueologia do saber*, Foucault declarou que seu estado civil intelectual e político não estavam disponíveis a ser revelados e capturados. Entretanto, prepondera entre os estudiosos de Foucault os que estão mais ocupados em afirmar a sua relação com o liberalismo e o democratismo, a questão do Estado e a governamentalidade liberal, as relações entre soberania, disciplina e segurança aproximando-o, em certas ocasiões, às preocupações reafirmadas por Hanna Arendt. Reflexões como as levadas adiante por Antonio Negri e Michael Hardt, e mesmo Giorgio Agamben, a partir da distinção entre biopoder e biopolítica, oxigenaram o marxismo, porém com intensidade menor que as sugestões de Gilles Deleuze e Baruch Espinoza. Entretanto, mais recentemente, em torno das pesquisas de Foucault sobre a ética, subjetividade e o governo de si e dos outros, as aproximações com Walter Benjamin começam a tomar corpo. Seja por dentro dos estudiosos da obra de Foucault em que prepondera a aproximação com o liberalismo e sua correlata democracia, seja entre os neomarxistas, combinando-o com Deleuze, liberais e neomarxistas vão a Foucault e dele extraem subsídios para atualizar suas teorias.

² Didier Eribon. *Michel Foucault, uma biografia*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 138.

Entre os anarquistas é diferente. Sua presença é de dupla entrada, a dos que *execram* a relação anarquia-Foucault e a dos que *acolhem* Foucault na anarquia. É o que tratarei neste breve ensaio, realçando desde já que não me situo em nenhuma delas, mesmo porque as entradas são muitas e tudo corre como um fluxo, por vezes transbordante, por vezes na vazante.

a dupla entrada

A primeira entrada atrai os fluxos que compreendem o conjunto que articula a aversão dos anarquistas históricos (comunistas e coletivistas, vinculados principalmente a Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Errico Malatesta e Nestor Mahkno) às contribuições de Foucault. Esta birra pouco contribui à invenção de novas práticas de liberdade e somente reitera o jogo de consciências que governa os *oprimidos* em função da preparação para a revolução. Explicita-se desse modo, e involuntariamente, como as críticas de Foucault às origens, ao universalismo e à utopia dos anarquistas colocariam em risco o *verdadeiro* anarquismo. E, por isso, ele deve ser evitado.

Decretam ser Foucault *nocivo ao anarquismo*. Exerce-se o efeito de uma *verdade* de cima para baixo, como toda lei soberana, e reitera-se a força e a astúcia do direito para tentar pacificar internamente o que jamais será conciliado, sustentando uma dogmática que se supunha inaceitável na *anarquia*. Foucault, por esta perspectiva é intolerável ao movimento anarquista, e situa-se em um patamar de respeito bem abaixo dos anarco-individualistas, geralmente confinados na categoria de abjetos pequeno-burgueses, aos moldes da designação de Marx e Engels a Proudhon, porém no espectro da *tolerância* (são anarquistas considerados ainda pouco esclarecidos sobre a predominância do coletivo sobre o indivíduo, ou limitados a uma discussão retórica sobre o lugar do indivíduo na anarquia). Em outras palavras, tal qual um liberal democrata, estes anarquistas toleram os demais que não estejam organizados segundo seu círculo de *grupos de afinidades* e, a seu modo, incorporam o pluralismo liberal.

Sem Proudhon e a IWA (International Workers Assotiation, realizada em Genebra em 1866) jamais haveria Bakunin. Todavia este foi metamorfoseado pelos seus seguidores em apurador evolutivo de Proudhon, e passou a ser o verdadeiro revolucionário anarquista, opondo-se ao pacifismo de Proudhon. Irrelevante. Tanto Proudhon como Bakunin combateram o domínio do saber pelas teorias que sustenta a

vida dos *sacerdotes* em favor da análise dos *acontecimentos*. A seu modo, Michel Foucault também o faz em sua obra, principalmente sobre a *genealogia do poder* e a *ética e a estética*. Do ponto de vista metodológico, guardadas as diferenças principalmente quanto aos universais, os anarquistas e Michel Foucault preferem as análises às teorias, os conceitos que emergem da história ao determinismo histórico e ao imperativo categórico, o *agonismo* nas relações de poder a qualquer pacificação pela teoria e principalmente a abolição do governo dos mestres ou superiores. Há segundo Foucault uma dinâmica que opera pela coragem em proferir a verdade, própria do *parresiasta*, em que está em jogo sua própria vida. Assim, se o pacifismo e o revolucionarismo estão mais próximos de *como* se efetivaram as resistências, segundo as condições históricas do século XIX e até a metade do século XX, situando as disputas entre coletivismo-comunismo e individualismo, a *parrhesia* não se estabiliza e provoca outras possibilidades pelo seu exercício contra os modos de governar os outros (sujeição) e o governo de si (assujeitamentos); produz subjetividades surpreendentes, associadas ou terroristas, que sempre foram, historicamente, as principais interferências anarquistas na vida sob a ordem da soberania, do direito, das disciplinas, do governo sobre a espécie e da segurança. Há entre Foucault e as práticas anarquistas uma imantação.

Os anarquistas acadêmicos de perfil estadunidense, que assumiram o primeiro plano da mídia e na notoriedade acadêmica após o movimento *antiglobalização*, depois de constatarem o grande número de professores e pesquisadores marxistas por lá (o que seria óbvio demais caso olhassem ao sul do continente) e sua revitalização neomarxista, traçaram o futuro do anarquismo dependente da elaboração de uma teoria anarquista forte e acabada, para a qual os professores universitários têm uma responsabilidade histórica. E assim, os analíticos Proudhon e Bakunin, metamorfoseiam-se em teóricos de referência para sustentar o anarquismo acadêmico desta geração. Como demarcação eles opõem o verdadeiro *anarquismo social* (desde os históricos até Murray Boockchin) ao *anarquismo como estilo de vida* (modo como designavam os chamados anarquistas-individualistas e, para eles, também os contaminados com Foucault). Pelo apreço em salvaguardar os escritos como testamentos estes defensores do *verdadeiro anarquismo social* funcionam como pastores desvencilhados da incumbência que lhe é devida: a de bloquear os efeitos do poder pastoral e implodir a edificação de uma *igreja anarquista*.

Enfim, os mesmos jovens que acusavam os professores e pesquisadores anarquistas nas universidades de acadêmicos, na década de 1990, no Brasil, por aproximarem a anarquia e a filosofia, também a marteladas de Foucault, agora são, em companhia dos anarquistas sociais estadunidenses, os mais cotados candidatos a *grandes teóricos* da anarquia. Não estão produzindo liberdades no interior da luta, mas acolhidos no abstrato conceito de luta de classes, instalaram-se nas academias para domesticar a anarquia em teoria e para fortificar, taticamente, nos desdobramentos do movimento *antiglobalização*, os protestos e renovações do *welfare-state*, como dentre eles sobressai o midiático Noam Chomsky.

A segunda entrada, seja pelos pensadores pertencentes aos grupos coletivistas ou comunistas menos avessos do anarco-individualismo, ou mesmo por pensadores de adjacências libertárias, como Todd May e Saul Newman, faz-se a aproximação dos anarquismos com Foucault, às vezes na contiguidade com um filósofo lateral à anarquia, o primeiro com Friedrich Nietzsche (que abominava a *anarquia*), o segundo com Max Stirner (crítico rigoroso de Proudhon). Entretanto, entre os anarquistas de procedência comunista ou coletivista, como Salvo Vaccaro, ou mesmo Daniel Colson, as relações que procuram estabelecer estão mais próximas de querer comprovar tudo que Foucault disse sobre o poder era similar ao que fora dito pelos anarquistas. A ênfase nas relações de micropoder, as liberações do jugo cotidiano, as disciplinas, as prisões e o sistema penal, a construção do sujeito perigoso e do anormal, a formação das associações, as resistências contínuas, intensas e sem descanso, a disposição para o contrapoder, a contestação do socialismo autoritário e os efeitos da biopolítica, enfim, Foucault atualizaria mais, e Gilles Deleuze menos, o movimento anarquista. A entrada de Foucault chamaria a atenção dos anarquistas para as práticas diárias na construção de uma vida livre que fortifica as lutas e faz da revolução um acontecimento possível pela evidência das práticas anarquistas de liberdade ocorrer antes de tudo, no campo *micro*.

Nesta entrada o fluxo parece ser mais caudaloso, porém é pouco efetivo. A mistura das águas anarquistas e foucaultianas são próximas ao fenômeno que acontece na confluência das águas dos rios Negro e Solimões, na Amazônia, quando as águas andam lado a lado (a temperatura das águas, a velocidade na correnteza, e o fato de uma ser escura e a outra barrenta) sem se misturarem por aproximadamente 6 km. Assim andam anarquismo e o pensamento de Foucault sobre as práticas libertárias. Parece que neste caso o percurso para o encontro das águas é infundável e o ponto de mistura será

determinado a partir da submissão da análise foucaultiana às anarquistas como complemento, atualidade e reiteração. Foucault seria um *anarquista* por mostrar tudo o que os anarquistas tinham mostrado corretamente a partir da análise micro.

As duas entradas, pelo *macro* e pelo *micro* situam a repulsa e a incorporação subalterna de Foucault às análises anarquistas. Portanto, o pensador francês é *nocivo* e *útil*, segundo a ênfase que os anarquistas pretendem dar às suas análises ou formatação de sua *sólida* teoria. Todavia não se trata de incorporar *por baixo* ou recusar *pelo alto*. A filosofia e as análises de Foucault propiciam que se *ande junto*; deste modo, os anarquistas estabeleceriam uma relação de *amizade* forte entre os pensamentos, considerando-se que o “amigo é o melhor inimigo” e, por conseguinte, a amizade estaria livre da transcendentalidade (muito bem exercitada por liberais e marxistas com Foucault). Colocar-se-iam em condição de proferir a *parrhesia* tanto na anarquia como nas indicações, nada laterais, de Foucault sobre a *anarquia* e o *anarquismo*.

ponto de confluência

Surpreende que os comentaristas de Foucault não dêem atenção às suas investidas diretas e indiretas relacionadas com os anarquismos. Acolhidos no campo filosófico, devem considerá-lo um tema *menor*. Os abrigados nas práticas históricas anarquistas consideram os que se aproximam da perspectiva foucaultiana como realizadores de um exercício acadêmico, ou simplesmente nocivo ao anarquismo.

O estranhamento constatável nos anarquistas diz respeito às incorporações diretas ou indiretas de pensamentos socialistas nos anarquismos, a saber, certa simpatia pelo marxismo libertário; a valorização dos pensadores de procedência marxista migrados para o anarquismo, como Murray Bookchin, que elaboram suas reflexões com base na dialética materialista-histórica; ou mesmo certos atualizadores das análises de Bakunin, vinculados a práticas de protestos recentes decorrentes do movimento originalmente *antiglobalização*, como David Graber. Sem falar dos herdeiros do plataformismo russo de Nestor Mahkno, cujas proposições assemelham-se à organização partidária revolucionária.

De fato, foram poucas as ocasiões que Foucault dedicou comentários sobre os anarquismos, e por vezes utilizou a *performance* de anarquista para debochar de

Habermas³. Quando o fez, mais diretamente, foi crítico das argumentações morais e relativas à história a partir de uma convencional origem, assim como até mesmo de certo racismo, como ao final de *Em defesa da sociedade*, em especial, sobre Bakunin, ou mesmo sobre as relações de poder superadas pela ultrapassagem do *reino da necessidade*. Raras vezes citou os pensadores anarquistas diretamente. Quando se refere a Max Stirner, principalmente em *A hermenêutica do sujeito*, o agrega aos anarquistas falando de suas proximidades quanto à construção ética do sujeito livre. Em nenhum momento, como é usual entre anarquistas, desde Max Nettlau, relaciona Stirner aos libertários. Sua leitura oscila entre a referência filosófica e as práticas de liberdade imanentes. E só.

Mas Foucault, antes de se abrir em *O governo dos vivos* sobre o que há de anarquia em seu método, nunca escondeu que ocultava suas fontes, suas referências, mesmo porque seu modo de pensar dispensava-se deste exercício acadêmico. Podia lidar com um filósofo pelos dois lados, como o fez com Platão em *A hermenêutica do sujeito*, ou com um pensamento considerado morto como o cínico mostrando sua trans-historicidade como em *A coragem da verdade*. Enfim, com o seu jeito de pensar até certo ponto antifilosófico sobre a *construção do sujeito no ocidente*, a partir do *cuidado de si* em oposição à sua transmutação em *conhece-te a ti mesmo*, procurava também demolir com a continuidade da relação poder-saber que habitou suas reflexões iniciais, pelo menos até *A vontade de saber*, para dar passagem à relação *governo-verdade*, já esboçada em *O governo dos vivos* e amplamente tratadas nos dois volumes finais de *História da Sexualidade* e em seus derradeiros cursos no Collège de France. Foucault, também em relação consigo próprio não era conclusivo.

³ Interessante notar como a designação anarquista para Foucault significa sempre estar na opacidade da relação dentro-fora, e como é também um modo sarcástico de se esquivar de polêmicas ou de se situar equidistante das identidades. “Será que sou anarquista?”, pergunta Foucault depois de situar sua crítica às distinções à direita e à esquerda entre liberais e marxistas: “Habermas também ataca as tentativas qualificadas de ‘anarquizantes’, que desejariam submeter a razão a uma crítica mais radical ainda, para abalar suas ‘muralhas de ferro’. (...) Foucault estava irritado com a simples presença de Habermas; e ficou ainda mais com o teor de suas conferências. Paul Veyne se lembra do jantar do dia 7 de março de 1983: ‘Foucault não podia deixar de convidar Habermas para jantar. Éramos quatro; Daniel Défert era o quarto. Falávamos inglês. A conversação de uma polidez glacial, começou com uma discussão em que Habermas fez um protesto contra não sei mais que atitude de Mitterrand naquela semana [...]. Depois falamos de filosofia e a tensão latente era tão visível que no fim, depois de uma frase de Habermas, Foucault fez uma pausa, voltou-se para ele, mostrou com um largo sorriso mais devorador e feroz do que amável, a sua dupla fileira de dentes de tubarão e disse: ‘Será que sou um anarquista?’, insistindo sarcasticamente na palavra ‘anarquista’”. Didier Eribon. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 170.

Michel Foucault deixa claro o que combatia nos fundamentos dos anarquismos, ainda governados pela relação poder-saber, e faz ganhar mais intensas proximidades com a *anarquia* com seu deslocamento para a relação *governo-verdade*, justamente no momento em que ministra *O governo dos vivos*. Por diversos lados, e principalmente com Didier Eribon, que, a revelia, traça uma quase biografia de Foucault, sabemos que ele era tido como *anarquista de direita, um anarquista*, mas também pela entrevista a Pol Droit, explicitava um lado terrorista anárquico, nada niilista, de demolidor de muros, disposto a *avançar* com suas obras-bomba, mas também repletas de *fogos de artifícios*. Ainda que o neoliberal José Guilherme Merchior o tenha chamado de niilista de cátedra e os neoliberais contemporâneos o desejam acoplado ao neoliberalismo, o que foi bem descartado por Trent H. Hamann⁴, Foucault depois de sua morte ficou disponível para usos e abusos.

Foucault e os anarquismos estão em uma relação pelo que instiga a abalar convicções. Eis o ponto de confluência para a reflexão nesta breve conversação.

Stirner ainda na década de 1840 colocava um questionamento a Proudhon relacionado à ultrapassagem do Estado abolido pela sociedade que o substituiria. Em poucas palavras, aludia ao fato que abolir o Estado é também abolir a sociedade. Para ele, entrariam em questão outras maneiras de lidar com a vida. Entretanto, poderíamos dizer, segundo Proudhon, que se a propriedade ultrapassou a comunidade na luta pela justiça, na medida em que um novo direito derivado da guerra fincou os pilares da repressão, da ardilosa razão e instituiu a paz como convenção, o direito em torno de um objeto, dois a dois, instituiu um contrato real *sinlagmático* e *comutativo*. Antes de reformatar a sociedade injusta em *mais justa* como supunha Proudhon, segundo Stirner, a ultrapassagem institui, no presente, não mais *a nova sociedade*, mas *outras maneiras de vida* que negam a *sociedade*. A confrontação com Proudhon não é meramente filosófica, mas se dá em torno do *agonismo* das relações de poder, pois tanto para Proudhon, quanto para Stirner, e também para Foucault, a questão da injustiça é impossível de ser superada seja pelo direito universal, seja pela revolução (a questão do fim do poder estaria mais entre os coletivistas-comunistas do que nos fundamentos primeiros do anarquismo de Proudhon). Foucault esboça, em algumas ocasiões, a

⁴ Trent. H. Hamann. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. In Revista *Ecopolítica*. São Paulo: PUC-SP, v. 3, 2012, pp. 99-133, <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/12910/9387>

possibilidade da vida livre por um direito antissoberania, Proudhon pelo direito dois a dois, Stirner pela afirmação do *único*. Neste ponto os três convergem: a vida é entendida pelas lutas que assumem na contemporaneidade as feições de lutas por direitos, mas que em si mesmas fortalecem o Estado e a sociedade. Então, se Proudhon está na analítica serial preocupado em *como* se dá a passagem da *comunidade* pra a *propriedade* e desta para a *anarquia*, deveria ter equacionado a sinonímia sociedade-anarquia que estabeleceu, ainda que este terceiro movimento histórico captado pela análise serial devesse ser a incógnita em sua equação. Isto seria coerente com a dialética sem síntese proposta por Proudhon, na medida em que esta terceira fase não seria conclusiva, mas reabriria a questão da justiça. Menos pretensioso, anti-hegeliano e adversário do universalismo de Proudhon, Stirner deixa em aberto o que seria a *associação de únicos*: o que é possível não é determinante ou mesmo universalizador, é apenas uma maneira de ser (*estilo de vida*), o ponto principal da política e do seu fim, ou seja, do ingovernável, e diz respeito a uma atitude ética que começa no indivíduo, o que também transparece em Foucault. Não está em jogo o individualismo, muito menos a falaciosa discussão indivíduo-sociedade e individualismo-coletivismo, mas a dissolução do sujeito universal, por uma construção de *si*, que é própria aos anarquistas e a Stirner, como colocou Foucault. Próprio aos anarquistas, pois o que é e o que virá está intimamente relacionado às lutas sim, mas antes a *como* se governa a si livre de sujeições e assujeitamentos, vida modificada na coexistência associativa e nas lutas, sem o rumor dogmático e na invenção de novos costumes, o que hoje se traduziria no rompimento com a competição e a igualdade na desigualdade que sustenta a racionalidade neoliberal, na preponderância da *ação direta* sobre a *indireta*, evitando coalizões e driblando as diversas capturas das palavras anarquistas pelos movimentos de protestos como autogestão, libertário, horizontalidade ou mesmo *ação direta*. Trata-se de uma história relacionada ao *presente*, livre das utopias, invenção de vida pela heterotopia. Há mais confluência entre Stirner e Foucault, do que com Proudhon. Todavia se considerarmos que Stirner foi uma anarquista na *anarquia*, suas considerações não serão excludentes, mas instigadoras às práticas de liberdade. De modo similar Foucault pode ser visto assim em relação à anarquia.

As análises combinadas, revisitadas e estrategicamente articuladas sobre os anarquistas e Foucault (no caso aqui a partir de Proudhon, não esquecendo sua convencional relação com os costumes, similar a Marx, e menos intensa e corajosa que

Bakunin e Malatesta que se revolveram nas lutas, muitas vezes pela presença de mulheres *perigosas* como Emma Goldman e Voltairine de Clayre), também esclarecem a respeito de sua constatação acerca do fim das relações de poder nos anarquismos, relacionado a partir da preponderância finalista bakunista nas históricas lutas contemporâneas. Bakunin deixava claro que o combate entre saber e autoridade deve propiciar o fim da hierarquia que fundamenta e alimenta o sacerdócio moderno pelos cientistas, análogo à propriedade, havendo trânsito livre para experimentações de liberdade, mas também uma meta a ser atingida. Contudo, Proudhon expôs na *anarquia* a reversão do predomínio da série autoridade para a série liberdade, na qual as relações entre estes pares não serão suprimidas e, portanto as relações de liberdade *absoluta* são apenas componentes escondidas na autoritária utopia revolucionária. A luta pelas práticas de liberdades avança em progressão geométrica provocando o recuo das relações de autoridade que tenderiam à progressão aritmética, ou seja, são as práticas de liberdade que contêm a expansão dos exercícios de autoridade, obstaculizam e inibem o exercício da soberania: elas provocam a abolição do Estado. No entanto este progresso na série liberdade não tem como resultante um ponto final na abolição das relações de autoridade, apenas se dispensam nesta *vida outra* do governo centralizado no Estado, do regime da propriedade, e situa o novo *agonismo* em torno da justiça. Enfim, o poder *pode* ser suprimido das relações (pelo direito sinalagmático e comutativo em Proudhon, os únicos em Stirner, a reversão do domínio *pacificador* propriamente dito em Bakunin).

Há em Foucault uma duplicidade, ora escondida, ora revelada. Quando desencadeia sua crítica aos universais anarquistas e conseqüentemente à superação definitiva das relações de poder, ele está mais orientado pelos efeitos do bakunismo, presença constante nas lutas anarquistas; quando se apegua à análise, mesmo não tendo dito e escrito, Proudhon ronda suas reflexões (como podemos constatar nos estudos recentes de Frédéric Gros⁵); Stirner jamais é situado diretamente, mas citado pela sua procedência como saber insurrecional; as práticas anarquistas são referências à *pahrresia contemporânea*; e ainda que Foucault desconhecesse Boockchin, este é um crítico mordaz da estagnação do anarquismo em anarco-sindicalismo, assim como do autoritarismo por meio das chamadas decisões consensuais, mostrando a permanência e

⁵ Frédéric Gros. *Estados de violência. Ensaio sobre o fim da guerra*. Tradução de José Aparecido da Silva. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2009, e *Le principe sécurité*. Paris: Éditions Gallimard, 2012,

redefinição das relações de poder⁶; a ciência política para Proudhon é o saber da construção de liberdade, assim como a filosofia, os governos da *verdade*, a produção dos enunciados como problemas das lutas políticas de direito pela *vida* e uma nova *vida*, uma *vida outra*, modo pelo qual se ultrapassa a organização do governo dos outros (sujeição) e do governo de si a este atrelado (assujeitamento). Em Proudhon, Stirner e em Foucault há a constatação de que nada acontece sem uma subjetividade conformada ou rebelde. A revolta é o que move e assume as feições de *pahrresia*.

Se Foucault indica em *Do governo dos vivos* não haver legitimidade por si só nas relações de poder, “a atitude consiste em se perguntar: o que é feito do sujeito e das relações de conhecimento no momento em que qualquer poder não está fundado nem no direito e nem na necessidade?”⁷. Foucault combate a negatividade (repressiva) do poder colocada pelos anarquistas e a possibilidade de sua supressão (que supõe combate às positivities do poder também presente nos anarquismos, mas com ênfase reduzida pela *hegemonia* do revolucionarismo). Mas Foucault não deixa de estar atento para analogias que não mais fundamentem ou fundem relações de poder, pois “a posição que proponho não exclui a anarquia, mas ela não a implica, não a recobre e não se identifica com ela. Trata-se de uma atitude teórico-prática concernente à não necessidade do poder, e para distinguir essa posição teórico-prática acerca da não necessidade do poder como princípio de inteligibilidade de um saber, melhor que empregar a palavra anarquia, anarquismo que não conviria, gostaria de jogar com as palavras porque jogar com as palavras não está muito em voga, atualmente, porque provoca problemas; portanto, estejamos ainda um pouco na contracorrente e façamos um jogo de palavras; então, eu diria que isso que proponho é um tipo de anarqueologia”⁸. Estamos diante das invenções de palavras de Foucault, como governamentalidade, biopolítica⁹, ou seja, o

⁶ Acácio Augusto. Municipalismo libertário, ecologia e resistências. In Revista *Ecopolítica*. São Paulo: PUC-SP, v. 2, 2012, pp. 64-98.
<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/9076/6684>

⁷ Michel Foucault. *Do governo dos vivos*. Aula de 9 de janeiro de 1980 e excerto da aula de 30 de janeiro de 1980. In Revista *verve*. São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007, pp. 270-298, p. 293. [*Du gouvernement des vivantes*. Paris: Seuil/Gallimard, 2012, p. 76].

⁸ Idem, 295 [pp. 77].

⁹ O termo biopolítica aparece inicialmente no pensador, defensor do racismo científico e militante peronista argentino Jacques de Mahieu. *Fundamentos de la biopolítica*. Buenos Aires. Centro Editor Argentino, 1968 [*Précis de biopolitique*. Montreal: Ed. Celtic, 1969.] In <http://pt.scribd.com/doc/101691856/Jacques-de-Mahieu-Fundamentos-de-La-Biopolitica>

seu modo de criar conceitos a partir da história do presente. Mais do que isso, Foucault evita a identidade, implicação e recobrimento. A *vida outra* poderá ser a anarquia ou não, mas a anarquia não está excluída; há outros percursos inéditos que poderão ser perseguidos a partir das sugestões de Stirner; há a revolta de cada um contra o governo sobre os outros e sobre si; há sim uma anarqueologia possível, seguindo Foucault. Porém todos estes fluxos nos remetem às resistências ao insuportável, coisa de anarquista e de cínico, de revoltados contra os reformadores, coisa que instiga a presença intempestiva da liberdade, ou seja, das nossas lutas por dar formas à liberdade, um basta à moral, um sim à ética que se inicia em nós mesmos, pois nada começa distante de alguém, em uma estrutura ou organização, que só existem habitadas por quem pretende governar.

Os apontamentos tópicos de Foucault sobre os anarquismos são menos importantes que suas revoltas escancaradas contra a autoridade e sua fina percepção dos enunciados das lutas no capitalismo que reiteram os ilegalismos, localizam quem deve viver e quem deve morrer (nazismo), e surpreende ao nos informar sobre a subjetividade empreendedora de si (governo de si como autoajuda) que conforma a racionalidade neoliberal. Com Foucault podemos compreender as sinucas do atual desenvolvimento sustentável, que também parece querer situar duas vertentes de um mesmo fluxo, opondo quando se complementam *Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (UNCSD)* e *Cúpula dos povos* em torno da justiça mais justa. Com Foucault somos atizados a não nos perder em ações indiretas, mas a compreender como a *ação direta* é imprescindível, não só pelo denso e avolumado conjunto de referências, cujo mais recente e atual está em *A coragem da verdade*, assim como a contra-história popular foi amplamente discutida no curso *Em defesa da sociedade*, a unidade dos ilegalismos contra a sociedade burguesa no final de *Vigiar e punir*, nossa disposição de ultrapassar as utopias, realizando heterotopias de liberdade, indicada em *As palavras e as coisas* e retomada nas conferências “Outros espaços” e “O corpo utópico” que reaparecem em recente na compilação de Daniel Defert¹⁰.

A conversa entre os anarquistas e Foucault é relevante para as práticas de liberdade na atualidade. Isso exige do libertário menos zelo pelo passado anarquista que em si só é inquestionável, como atenção para os decretos de morte sucessivas da anarquia, de seus diversos anarquismos (depois da Revolução Espanhola, depois de 68,

¹⁰ Michel Foucault. *Le corps utopique. Les hétérotopies*. Paris: Nouvelles Editions Lignes, 2009.

depois de qualquer acontecimento de liberdade...) e por suas apropriações pelos inimigos e adversários na atualidade procurando, ao mesmo tempo, valorizar as práticas libertárias do passado ao atualizá-las em análises sobre o presente dando-lhes uma conformação acomodada à ordem a ser mantida ou ultrapassada segundo suas convencionais teorias. Pelo sim e pelo não a presença de Foucault nos anarquismos é relevante, senão pela identidade, ao menos por ser o filósofo contemporâneo que se dedicou ética e politicamente a trazer a permanência da anarquia contra todos os decretos de morte e alertando para a *vida outra* que os anarquistas sempre procuraram realizar no presente, sua utopia como heterotopia, uma navegação. Em poucas palavras, eu me governo e me desgoverno fortificando o que me é próprio (lembrando com Stirner que este *eu*, individualidade metafísica, ou mesmo o prefixo grego que exprime o bem, o bom e o belo foram aniquilados pelo *mim*, sempre regido por uma preposição: a mim, por mim, para mim).

As duas entradas, pelo rio Negro e Solimões, têm sim um momento de mistura natural e não naturalizada que se encontra a certa distância possível. Foucault não é *nocivo* ou *útil*, mas um parceiro para andar juntos.

<http://grupogomezrojas.org/2013/09/26/jueves-3-de-octubre-foucault-y-los-anarquismos-conferencia-de-edson-passetti/>

<http://redfilosofiafrancesa.org/dialogos-filosoficos-foucault-y-los-anarquismos-conferencia-de-edson-passetti/>